

Crescendo no ministério

Treinamento para o serviço diaconal¹

Resumo

Louise Williams²

O artigo apresenta as imagens com as quais o ministério diaconal é identificado, distingue entre a vocação para a diaconia e para o diaconato e caracteriza os instrumentos necessários para que o ministério diaconal possa realizar seu

proprium, com sensibilidade, ação e espiritualidade. A seguir, acentua a necessidade de preparo e identifica as formas de resistência à diaconia, na sociedade, na Igreja e na pessoa que abraça o ministério diaconal.

Resumen

El artículo presenta las imágenes con las cuales el ministerio diaconal es identificado, distingue entre la vocación para la diaconia y para el diaconato, y caracteriza los instrumentos necesarios para que el ministerio diaconal pueda realizar su

proprium, con sensibilidad, acción y espiritualidad. A continuación acentúa la necesidad de preparación e identifica las formas de resistencia para la diaconia, en la sociedad, en la iglesia y en las personas que abrazan el ministerio diaconal.

Abstract

The article presents the images with which the diaconal ministry is identified, distinguishing vocation for diaconia from vocation for the diaconate, and describes the necessary instruments needed by the diaconal ministry to carry out its

proprium, with sensitivity, action and spirituality. Following this, it emphasizes the need for preparation and identifies the forms of resistance to the diaconia in society, in the church, and in the person him/herself who embraces the diaconal ministry.

¹ Publicado em: *Monograph Series*, n. 10, editado por Deacon Edwin F. Hallenbeck, da NAAD – North American Association for the Diaconate – Centre for the Diaconate – 271 North Main Street – Providence, Rhode Island 02903 – USA.

² Louise Williams é diaconisa da Igreja Evangélica Luterana na América e diretora executiva da LDA – Lutheran Deaconess Association, Valparaíso, IN, bem como Presidente da DIAKONIA of the Americas and Caribbean. Este documento é a versão de uma palestra proferida durante a Consulta Nacional do Grupo de Diálogo do Diaconato em Rochester, NY, em abril de 1991.

1 – Introdução

Neste documento, espero trazer à tona assuntos já conhecidos – descrevendo alguns quadros da diaconia, levantando questões, convidando para a reflexão e troca de experiências, preparando, assim, o terreno para um diálogo que deverá continuar entre as/os diáconas/os, obreiras/os diaconais e ministros. Estou consciente do risco que corro. No entanto, gostaria de encorajar todas as pessoas para dei-

xarem os pensamentos e a imaginação fluírem livremente e terem diante dos olhos fatos concretos nos quais acontece diaconia. Quero encorajá-las, também, a pensar especialmente no seu ministério e no de pessoas conhecidas. Visualizem essas pessoas, seus lugares de atuação, e vejam o que combina e o que não com o quadro que pretendo pintar.

2 – Imagens da diaconia

Sempre mais me convenço de que a imagem da diaconia deve incluir muitas partes. Não se trata, porém, de uma bonita imagem, bem integrada, onde todas as peças se encaixam como um jogo de quebra-cabeça. Muito mais, é preciso pensar numa colagem de peças com cantos escuros, pontiagudos. Alguns lados não combinam ou se sobrepõem aos outros. E mais, a imagem não está concluída. Vejamos:

“Então Jesus olhou para trás, viu que eles o acompanhavam e perguntou: — O que é que vocês estão procurando? — Mestre, onde é que o senhor mora? — Venham e vejam, disse Jesus” (João 1.38-39).

“Jesus respondeu: — Voltem e contem a João o que vocês estão ou-

vindo e vendo, isto é, os cegos vêm, os coxos andam, os leprosos são curados, os surdos ouvem, os mortos ressuscitam, e a Boa Notícia do Evangelho é anunciada aos pobres” (Mateus 11.4-5).

“Então os bons perguntarão: - Senhor, quando foi que o vimos com fome e lhe demos comida ou com sede e lhe demos água? Quando foi que vimos o senhor como estrangeiro e o recebemos nas nossas casas ou sem roupa e o vestimos? Quando foi que vimos o senhor doente ou na prisão e fomos visitá-lo?” (Mateus 25.37-39).

Em nossa comunhão, oramos a *prece da diaconisa*: “Jesus, amigo dos pecadores, companheiro dos excluídos, irmão dos que passam ne-

cessidade, ilumina os nossos olhos para te vermos no nosso próximo necessitado.”

A diaconia, nosso servir, sempre contém os dois aspectos: uma maneira de encontrar Cristo e o resultado desse encontro. Vejamos:

2.1 – O lava-pés

Difícilmente encontraremos exemplo mais concreto para o servir do que o lava-pés, descrito em João 13. Vemos Jesus pegando a toalha e a bacia com água para lavar os pés dos discípulos. Com isso ele nos mostra como devemos servir uns aos outros. Talvez – por não praticarmos muito o lava-pés em nossa cultura ou por não possuímos escravos que façam esse tipo de serviço, ou por não entendermos o que de fato se passa aqui – muito facilmente achamos romântica essa clássica figura do servir.

No entanto, o lava-pés é um serviço de humildade, um servir de joelhos dobrados. Requer que coloquemos o avental, deixemos de lado nossas pretensões e abandonemos a posição de só tocar o que nós queremos. Significa pegar as partes poeirentas, malcheirosas, calosas e machucadas da humanidade. É um serviço desagradável – doído para nossos joelhos e nossas costas. Ele nos coloca numa posição vulnerável.

Quando estamos de joelhos, facilmente podemos ser atingidas, com poucas chances para nos defender. É algo muito pessoal, íntimo quase. É um serviço que atende uma necessidade muito pessoal.

Em João 13, Jesus se destaca. Ele, o “Senhor e Mestre”, lava os pés. É como se olhássemos para a descrição de Filipenses 2, em movimento: Cristo, sendo igual a Deus, não coloca sua segurança nesse poder, mas despoja-se dele e toma a forma de servo.

Falar sobre o servir com alguém é um assunto muito delicado, quando essa pessoa foi oprimida, sofreu abuso, está sendo desprezada e/ou possui baixa auto-estima, por não ter assumido o serviço de serva ou servo de livre e espontânea vontade. Servir em nome de Cristo também é difícil para alguém que pretende destacar-se na multidão, fazendo algo significativo. A figura do lava-pés da diaconia nos convida para olhar em outra direção – para a perspectiva de esvaziar-nos de nós mesmas, sabendo que temos algo a oferecer, que podemos desistir de nossas pretensões, libertar-nos do espírito de competição e do conseqüente medo de não conseguirmos vencer; sabendo também que estamos livres da necessidade de proteger a nossa posição e de manter em seus lugares os que estão abaixo de nós.

Aquele que em todos os caminhos tornou-se semelhante a nós convida-nos a chegar-nos às outras pessoas. Assim descobriremos o quanto somos semelhantes a elas – feitas do mesmo barro e do mesmo sopro de Deus. Na posição de joelhos, podemos experimentar o que é ser pobre, excluído, desprezado, desvalorizado, ou seja, ser o último, aquele que merece atenção especial da diaconia.

O lava-pés é como uma figura mutante. Você não consegue dizer quem é quem. “Quem é a serva, ajoelhada, lavando pés cansados com coração amoroso? E quem recebe a delicada e carinhosa mensagem, o lavar com água branda e morna? Às vezes é Cristo – às vezes é você – às vezes é outra pessoa.”

2.2 – O servir a mesa

Quem estudou grego aprendeu que diaconia basicamente significa servir a mesa. Para fazê-lo bem, é preciso ficar atento às necessidades dos outros. É preciso aprender a delicada arte de estar à disposição sem interferir. Isso significa ser útil de modo invisível e gentil. Estar envolvido no servir a mesa significa atender necessidades básicas, dar alimento para a vida, nutrir com o necessário tanto aquele que é servido como o que serve.

Para os gregos, “servir a mesa” também exigia experimentar e sele-

cionar a comida e a bebida. Isso me faz lembrar que diaconia é provar, testar. Jesus Cristo prova a minha comida e bebida, e eu experimento a porção daqueles que procuro servir. Talvez eu não consuma todo o alimento, mas no servir tenho a oportunidade de conhecer o meio em que vivem as pessoas, ouço suas histórias, sinto suas dores, celebro as suas alegrias, sinto a amargura que as castiga, compartilho da bondade de Deus que nutre todos nós.

Diaconia, no grego, pode significar providenciar o necessário para a festa, o que, a meu ver, é uma maravilhosa figura para a diaconia. Servir durante a celebração também é cuidar com atenção, para que os convidados estejam sendo bem atendidos. Nessa figura vejo, igualmente, o cuidado integral – o papel de pastorear –, que observa a necessidade individual de cada um, mas sente também a harmonia do todo.

2.3 – Trabalhando por mudanças

Conforme Bernard Cooke:

O serviço de amor cristão dedicado aos pobres, historicamente, sempre esteve direcionado para ajudar os necessitados no seio da igreja. De certo modo, novo no contexto atual é a ênfase adicional dada à responsabilidade cristã pela situação de toda

a humanidade. E ainda mais recente é a mudança nos padrões e nas atitudes sociais, que transforma o servir numa tentativa complexa, internacional para alcançar justiça, dignidade e igualdade para todos, tanto homens como mulheres.³

Assim, nos tempos atuais, o lavar pés e o servir a mesa devem ser acrescentados de uma outra figura, bem difícil de ser visualizada. Não se trata apenas de cuidar do bem-estar comum à mesa, mas de reivindicar o papel atribuído à humanidade de ser guardiã de toda a criação. É captar a visão da nova criação e trabalhar para que se torne sempre mais visível. Isto

significa que a diaconia estará envolvida com a prevenção e as dimensões políticas e estruturais de um problema. Estará comprometida em remodelar instituições da sociedade. Fazendo esse tipo de serviço, é possível sacudir prisões e desafiar o *status quo*. É o tipo de diaconia que diz: “Permita que a Igreja que serve se levante!” – erga-se dos joelhos, estique-se para alcançar a ponta dos dedos dos pés – para fazer tudo que estiver ao alcance “para que o Reino de Deus – que ainda aparecerá em toda a sua plenitude – possa acontecer no presente, pelo menos como uma experiência antecipada da celebração que virá⁴.

3 – O que é a vocação para esse ministério?

Através dessas imagens do ministério diaconal, fica evidente que se trata de um ministério que pertence a todo o povo de Deus. Cada cristão é chamado para lavar pés, servir a mesa e trabalhar por mudanças. O que significa, então, ser chamada não apenas para a diaconia, mas para o diaconato? O que significa ir a público com esse ministério? O que dis-

tingue o chamado para o diaconato do ministério de todo o povo de Deus? O que distingue o chamado para o diaconato do chamado para o presbitério – para ser pastor ou pároco? Para alguns entre nós, as respostas estruturais ou institucionais podem ser fáceis, no entanto a resposta essencial talvez seja difícil.

³ Bernard COOKE, *Ministry to Word and Sacrament*, p. 300.

⁴ World Council of Churches, *Statement on Diakonia*, 1982.

Talvez gostaríamos que voltassem os dias simples do tempo em que Jesus caminhava na praia, chamava discípulos que podiam responder na hora e segui-lo. Talvez sentimos saudades da pequena e simples comunidade de fé da igreja primitiva, onde todos conheciam os dons uns dos outros e assim eram chamados para atender as necessidades uns dos outros.

Em nossa comunhão lutamos com a palavra “recrutamento”. Não acredito que estejamos recrutando para o ministério. essa é uma ação do espírito. Nossa tarefa é fazer com que as pessoas saibam que têm a escolha para se integrarem ao diaconato. Então, devemos ajudá-las a descobrir se o seu chamado, de fato, é para esse ministério. Esse processo de discernimento é uma misteriosa interação entre o sentido interior da pessoa para servir e as necessidades da igreja e do mundo. Se um destes componentes faltar, a vocação não estará completa. Se queremos ajudar nesse processo de discernimento, precisamos saber como soa o chamado para o diaconato; quais os dons, os carismas necessários para esse ministério e o que a igreja e o mundo necessitam.

Se você é como eu, se você está pensando no seu próprio chamado, como iniciou e como está agora – talvez, como eu, você sinta o espírito pairando sobre motivos confusos e julgamentos embaraçosos. No entanto, vê também o espírito soprando através das circunstâncias da vida para colocar as pessoas no lugar certo na hora certa. Como eu, vê o espírito alertando o coração daqueles que fizeram suas decisões sobre formação, consagração e colocação.

Ao tentar falar sobre vocação, penso que acontece como quando tentamos falar sobre mistérios: palavras praticamente não conseguem lidar com o assunto.

Convido para refletir alguns momentos sobre: lavar os pés, servir a mesa e trabalhar por mudanças. Pense no seu próprio chamado – nos seus sentimentos, quando recebeu o primeiro sopro e como se sente agora. Tome, então, alguns minutos para conversar com sua vizinha sobre essas coisas.

4 – Instrumentos para a diaconia

Nossos recursos começam com o fato de que somos pessoas que foram servidas. Cristo, o servo, lavou nossos pés. Deus preparou-nos uma festa suntuosa e nos alimenta com tudo que necessitamos para viver. Deus agiu para alcançar a mudança em nós, ao fazer de nós novas criaturas, dando-nos uma visão do que é vida, confiando-nos a prazerosa – por vezes, difícil – tarefa de partilhar essa novidade com outras pessoas. Para tanto, temos instrumentos especiais.

4.1 – Os instrumentos-toalha

O primeiro conjunto de instrumentos, semelhantes à toalha usada para lavar os pés, é composto por instrumentos macios, flexíveis, que se deixam moldar em volta da necessidade daquele que está sendo atendido. São os instrumentos necessários para quem vai dobrar os joelhos para lavar os pés ou para quem servir a mesa. Mas também são necessários quando trabalhamos por mudanças na diaconia. Algumas pessoas encontram dificuldades ao usar os instrumentos “da toalha”, porque eles não têm for-

ma nem feitio. Walter Brueggeman diz que não se trata de ferramentas como as que o carpinteiro Jesus deve ter usado na oficina – martelo, torquês, formão e serrote. Com elas você pode trabalhar, pressionar para que o objeto mude a forma ou se ajuste melhor. O primeiro conjunto de instrumentos compõe-se do cuidado, da compaixão, da hospitalidade.

a – O cuidado (*care*)⁵

De Henri Nouven aprendemos que a raiz da palavra *care* vem do gótico *Kara*, que quer dizer lamento, tristeza. Cuidar é “sentir pesar, experimentar tristeza, chorar”⁶.

O cuidado deve ser contrastado com a cura, que coloca o enfoque no “tirar” a dor. Nossa preocupação com a cura pode fazer com que nos separemos principalmente daqueles cuja situação não podemos promover – idosos, portadores de deficiência grave, agressivos, cuja personalidade nos irrita, os que sofrem do mal de Alzheimer, os que estão presos nas

⁵ Nota da tradutora: conforme os dicionários Collins e Merriam-Webster, substantivo e verbo *care* significam: cuidado, diligência, atenção, vigilância, inquietação, encargo, supervisão, cuidar, olhar por, importar-se, estado de responsabilidade, interessar-se, etc.

⁶ Henri NOUVEN, *Out of Solitude*, p. 34.

malhas da pobreza e do desemprego, os moribundos. Ao querer que as pessoas fiquem curadas, muitas vezes tentamos escapar delas para ser mais eficientes e ter êxito no nosso investimento. No entanto, a diaconia nos chama de volta para aqueles que enfrentam necessidades. Cuidar é saber que, no final das contas, não temos poder para curar. O que temos é o poder da presença – nossa e de Cristo, que a si mesmo se esvaziou, abdicou do direito de ser igual a Deus para aproximar-se de nós, estar conosco e sofrer conosco.

b – A compaixão

Como você sabe, nossa palavra compaixão também significa “sofrer com”. No hebraico *reham* e *rechemin* – compaixão (*compassion*) e entranhas (*womb* = ventre, útero) – têm estreita ligação entre si. Compaixão é amor profundo, devotado, entranhável; amor de mãe. É uma espécie de “sofrer junto” a partir do relacionamento que tenho com a outra pessoa, nascida de mim, parte minha, que é como eu sou. É o sofrimento que não quer desistir até que o outro cresça na plenitude de vida, que eu sei, está à sua disposição. É uma espécie de amor que sabe que nada é estranho na outra pessoa. É a diaconia, que – baseando-se nos sinais que percebe no próximo – sabe

quando deve segurar e abraçar e quando deve deixar ir. A compaixão sabe: eu estou unida ao outro e quero continuar a amá-lo até que ele o saiba. Compaixão é o instrumento-toalha que nos faz buscar o perdido, amar o abandonado e nunca desistir de nenhum dos “mais pequeninos”. Afinal, isso é o que o compassivo Deus tem feito por nós.

c – A hospitalidade

A hospitalidade, como o cuidado e a compaixão, é um instrumento de acolhimento. Ser hospitaleiro é ter um espaço aberto para que outras pessoas possam chegar, entrar. Não exige que outros se tornem iguais a nós, mas lhes dá espaço para serem quem são. Hospitalidade significa acolher o outro, mesmo sendo ele ainda um estranho. Isto, naturalmente, é um risco. O estranho somente conhecerá a plenitude do amor hospitaleiro quando for acolhido como estranho. Somente abriremos espaço para a possibilidade não-intencional de acolher anjos ou de nos encontrar com o Cristo ressurreto, quando abriremos nosso lar e convidarmos o estrangeiro para partilhar do nosso pão.

Literalmente, hospitalidade pode significar abrir nosso lar para acolher estranhos. E pode significar ver nossas comunidades não apenas para nós

mesmos, mas como locais de acolhida para estranhos. Pode significar acolher o estranho dentro do nosso espaço de referência e atuação. A hospitalidade também pode encontrar expressão em nossas vidas como hospitalidade do coração. Isso quer dizer que vamos cuidar com o que falamos na privacidade sobre estranhos. Significa colocar de lado as atitudes de julgamento e as palavras que dizemos sobre aqueles que são diferentes de nós – atitudes e palavras que tão facilmente expressamos na privacidade dos nossos lares ou lá onde nos sentimos em casa, porque os outros concordam conosco. Por fim, hospitalidade inclui acolher o estranho e o diferente dentro do nosso tempo. Jose Hobday, um franciscano e nativo americano, lembra-nos que a hospitalidade “pede que, por um tempo, deixemos de lado o que achamos ser necessário, para fazermos o urgente que surge diante de nós”⁷.

Nós o sabemos: podemos arriscar e acolher o estranho, porque, apesar de todas as nossas diferenças e separações, o Deus de toda a criação nos acolheu e nos amou, quando ainda éramos pecadores. Quando nos esvaziamos de nosso poder, quando

nos relacionamos conscientemente com os outros, então o cuidado e a compaixão são “instrumentos da toalha”. A hospitalidade permite que coloquemos a toalha em volta do que é estranho, sabendo que nossa união com o próximo não está baseada no conhecimento da intimidade interpessoal, mas está enraizada na humanidade comum que todos partilhamos através da vida de Deus, soprada em todos nós quando Deus nos criou.

“Não conseguimos cuidar de fato”, diz Jose Hobday, “não conseguimos ir ao encontro do necessitado cheios de compaixão, sem antes ter passado por necessidades.” E talvez não podemos realmente ser hospitaleiros, a menos que saibamos que também somos estranhos e necessitamos ser acolhidos. A nossa preparação para sermos hospitaleiros, compassivos, cuidadores na diaconia requer que nos confrontemos com aquelas partes dentro de nós, onde sentimos dor, desejos, onde nos sentimos deixados de lado, fora, como estranhos. Assim descobrimos um outro instrumento da diaconia, um paradoxo: nossa própria necessidade. Como a viúva que Jesus exaltou, podemos sondar e ver como derrubamos nossos desejos – como nos li-

⁷ Jose HOBDAI, To Serve and Not to be Served : The Church as Servant in Our Time, *Ministering in a Servant Church*, p. 11.

vramos dos nossos pés poeirentos, das nossas próprias fomes, da nossa estranheza. Ao abrir-nos para as nossas necessidades, seremos mais sensíveis às necessidades dos outros e descobriremos como o nosso mundo é amplo e iluminado.

4.2 – Instrumentos de ação

Buscar Cristo em nosso próximo, praticar o cuidado, a compaixão e a hospitalidade contribui para abrir nossa visão e agir em favor de mudanças. O segundo conjunto de instrumentos a ser usado na diaconia tem mais semelhança com o “martelo, o formão, o alicate e o serrote”, mencionados antes. Chamo este conjunto de instrumentos: poder, planejamento e profissionalismo, mais usados para mudar estruturas ou influenciar instituições do que junto à população carente.

Talvez você conheça a estória do menino que observava um escultor trabalhando um bloco de mármore. Quando o trabalho estava concluído, o menino perguntou: “Como o senhor sabia que havia um leão dentro do bloco?” Nós tivemos a visão e sabemos que tem um leão lá dentro. Nós provamos da plenitude de vida que Deus quer dar a todos. E nós usamos os instrumentos para tirar as lascas e quebrar o bloco, para que outras pessoas também possam ver o que está contido nele.

a – Poder

O primeiro instrumento do segundo conjunto de ferramentas usado na diaconia é o poder, a influência. Talvez por sermos tipos diaconais, nossa sensibilidade em relação ao abuso de poder seja tão forte. Muitas vezes, não nos damos conta do poder que temos. É comum pessoas se sentirem fracas. Nada do que façam consegue provocar algum impacto. Os problemas continuam todos aí, como estavam. A tendência, então, é tratar apenas “o meu pequeno mundo” – ter em alta consideração minha vida, minha família, meu trabalho, meu pequeno espaço na igreja, sem olhar para além de tudo isso. Então, facilmente confundimos poder com controle e acabamos manipulando o nosso pequeno mundo com as pessoas nele inseridas, tornando-nos exatamente aquelas que dominam as outras.

O poder, instrumento de trabalho da diaconia, vem da força interior. Vem de saber quem somos e o que queremos, de confiar que Deus soprou vida em nós e que nosso papel não é controlar ou manipular, mas fortalecer e libertar. Precisamos aprender a assumir esse poder individualmente e junto com outros. Não é um poder “nosso”, que podemos armazenar, proteger. Trata-se do poder de Deus em nós, que passa a ser um instrumento diaconal, quando aprendemos a

usá-lo com sabedoria e a reparti-lo com generosidade, esculpindo, assim, com precisão e esmero o bloco de pedra para fazer surgir o leão que – sabemos – se encontra dentro dele.

b – Planejamento

O planejamento também faz parte desse conjunto de instrumentos para o exercício da diaconia. Sem sombra de dúvidas, quanto maior a estrutura que procurarmos abordar, tanto melhor deverá ser o planejamento. É claro que algumas pessoas têm mais facilidade do que outras para planejar. Por um lado, a falta de planejamento pode fazer com que uma pessoa se torne vítima das circunstâncias e se sinta incompetente. Por outro lado, planejar pode restringir, oprimir, quando alguém se fixa nas metas sem deixar abertura para as surpresas de Deus.

O planejamento como instrumento diaconal precisa de tempo – algo precioso para as pessoas que estão nesse ministério. É preciso ter muita sensibilidade para as experiências que as pessoas envolvidas e afetadas pelo processo fazem. É preciso estar fundamentado nas Escrituras e ter conhecimento da comunhão cristã através da história. Por um lado, é preciso acreditar que o que fazemos faz diferença, ao convidarmos o povo para participar mais intensamente do *shalom* de Deus. Por

outro lado, porém, é preciso ter a certeza de que, no final das contas, não é o que planejamos ou o que fazemos que acelera a proximidade do Reino de Deus; mas, sim, é a ação de Deus que aceita e abençoa a nossa oferta – nossos minguados pães e poucos peixes –, transformando essa oferta em algo que pode saciar a multidão.

c – Profissionalismo

O profissionalismo, nosso próximo instrumento, tem várias definições. Pode significar pagamento por fazer algo que outras pessoas, amadoras, fazem voluntariamente, por amor. Pode significar o domínio de certa quantidade de saber ou alguma especialidade. Pode ser uma licenciatura ou um certificado para o exercício de algo, não permitido a outros – pelo menos, não mediante pagamento. Todos os nossos grupos lutam com questões relacionadas ao profissionalismo e estão chegando aos mais diversos resultados.

Na pior das hipóteses, o profissionalismo pode tornar-se um fim e não um meio, um produto e não um instrumento; pode enfatizar as diferenças entre as pessoas e erguer muros ou criar distâncias entre os grupos.

O tipo de profissionalismo que serve de instrumento para a diaconia vem da raiz que significa professar o que sabemos e o que cremos, declarar-

lo abertamente às pessoas, torná-lo público. É confessar que o servo Cristo nos chama a todos, sem distinção, para lavar pés, servir as mesas e empenhar-se por mudanças. A obreira diaconal deve ser um símbolo vivo. Isso quer dizer: praticar a diaconia em nome e em favor de toda a Igreja. Também significa capacitar, organizar, mobilizar outros para praticarem a diaconia – ação essencial na vida da Igreja – ou seja, ver as necessidades, estimular dons, fortalecer e encorajar pessoas para fazerem o serviço diaconal, sem distinção. É também ser um sinal, uma lembrança viva – um ícone – do servo Cristo, que chama o povo de Deus para uma vida diaconal.

4.3 – Instrumentos espirituais

Por fim, peço acrescentar mais um conjunto de instrumentos: a comunhão, o tempo, o *shabbath*.

a – A comunhão

Deus seja louvado por não sermos os únicos no servir. As necessidades são tão grandes, e nós somos tão poucos. Somos uma comunhão de servas e servos. Juntos formamos o corpo de Cristo, assumimos forma em torno das necessidades e das esperanças do mundo. Juntos ouvimos o chamado para uma vida moldada

pela diaconia. Juntos lutamos, o que significa seguir aquele que veio, não para ser servido, mas para servir. Juntos encorajamos e apoiamos uns aos outros em nossa diaconia. Juntos celebramos as histórias do Cristo que encontra as pessoas que procuramos servir. Juntos oramos uns pelos outros, por aqueles a quem servimos e por nós mesmos.

Viver em comunhão não é fácil. Parker Palmer diz que comunhão é aquele lugar onde sempre está aquela pessoa com a qual não queremos conviver. Para algumas de nós, a personalidade forte afasta da comunhão. Todas nós, norte-americanas, sentimos uma forte tendência para o individualismo e a independência. Temos dias em que gostaríamos de abandonar os que são da comunhão à nossa volta, para não tratar com eles as diferenças e os conflitos.

Mas o nosso chamado ao diaconato, mesmo sendo individual, não é particular. Ele nos coloca no meio da comunhão, no meio do povo da Igreja e do diaconato. Só aqui começamos a descobrir o que significa viver no perdão dos pecados e entendemos a reciprocidade que existe no coração do nosso ministério. É em comunhão que nossos olhos são abertos e o nosso toque é sensibilizado para reconhecer e aceitar o Cristo Ressurreto nos lugares menos esperados – até, ou talvez, especialmente

naquela pessoa com a qual não queremos conviver.

b – O tempo

Apesar de ser um instrumento no exercício da diaconia, temos um sentimento ambíguo a respeito do tempo. Tantas vezes achamos que não temos tempo – ou não o bastante. Aqui enfrentamos a nossa humanidade. Não somos como Deus, estamos dentro dos limites do tempo e nos confrontamos com nossas imperfeições – nossa indisposição e inabilidade de conviver com nossas limitações. No entanto, foi-nos dado o dom do tempo – todo o tempo necessário, em certo sentido. Jose Hobday, ao imaginar o tempo como um instrumento da diaconia, diz o seguinte:

O servir inclui a compreensão do tempo e dos momentos de graça que podemos viver. É somente no tempo e na convivência uns com os outros que temos a oportunidade de fazer surgir e promover a conscientização para a presença de Deus – de Deus conosco. As melhores chances para o servir surgem quando consideramos o tempo como algo precioso, sem fazer restrições. Celebramos dentro do tempo os momentos de nascimento, de

morte, de alegria, de dor, de surpresa, de abatimento. Existe um tipo de urgência para o Evangelho, para que trabalhemos, aproveitando o tempo, reconhecendo que é tempo aceitável... Servir aos outros depende da maneira como caminhamos dentro do tempo, sabendo distinguir os momentos que exigem nossa resposta corajosa e os que servem para silenciarmos e sermos reabastecidos. Tudo se relaciona: o lazer, a oração, o trabalho, a espera.⁸

c – O *shabbath* – o descanso

Nossa visão de tempo está estreitamente ligada ao último conjunto de instrumentos para o exercício da diaconia – o *shabbath* ou descanso. Ele nos lembra que o autêntico servir sabe quando deve retirar-se e dizer adeus, quando descansar e quando orar. O propósito não é apenas estar presente com a outra pessoa no sofrimento, não só batalhar por um mundo mais humano, não só aliviar a dor. O propósito da nossa diaconia vai além: é colocar as pessoas dentro de um movimento na direção de uma vida com Cristo. Essa abundância de vida é como está descrito em Gênesis, capítulo 1, onde o dia do descanso é o ápice de toda a criação.

⁸ Id., *ibid.*, p. 2s.

Descanso e adoração estão estreitamente ligados no *shabbath*. A articulação entre o descanso e o servir faz parte do ritmo do mundo criado por Deus. Esse ritmo é importante porque sempre nos lembra que somos servas e servos de Deus. Não somos Deus nem estamos a serviço do universo. Não devemos pensar que somos Deus, nem permitir que nos tornemos “deus” para o nosso próximo. Antes devemos dar espaço em nossas vidas para o descanso e a oração. Em “A Cor Púrpura”, Shug

diz a Celie: “simplesmente reclinar-se e admirar”⁹.

Poderão existir outros instrumentos de trabalho. Nossa tarefa é conhecê-los. Nossas aptidões são diferentes, mas todos os instrumentos são necessários. Talvez tenhamos que aprender a usar alguns através de uma pessoa mais experiente ou mais apta. Ou é preciso passar o instrumento para alguém que faça melhor o nosso trabalho. Principalmente, porém, é preciso valorizar todos os instrumentos, saber quando e como usar cada um deles.

5 – Como a pessoa é preparada para esse ministério?

Sendo esses os instrumentos, quais são os meios, os processos, através dos quais uma pessoa desenvolve a competência para lidar com eles? Algumas habilidades podem ser ensinadas, algumas são medidas que podem ser tomadas. Outras, porém, são atitudes do coração e do espírito. Como se aprende a praticar o cuidado, a compaixão, a hospitalidade? Como se consegue desenvolver aptidões na comunhão? Como reconhecer o ritmo do tempo entre servir e descansar? Podem-se ensinar essas coisas no meio acadêmico? Ou existem outras “escolas” mais apropriadas para esse aprendizado?

Quanto saber intelectual/acadêmico é necessário? Alguém que atua no aconselhamento espiritual junto a portadores de Alzheimer, por exemplo, precisa conhecer toda a complexidade do Antigo Testamento? Existe um padrão igual para todos, ou os diferentes tipos de ministério apresentam padrões diferentes?

Se quisermos colocar de lado a compreensão hierárquica de ministério e trazer à tona o “leão” de um ministério mais recíproco, que espécie de credenciais deveremos apresentar para estar em pé de igualdade com os assim chamados “ministérios

⁹ Alice WALKER, *A cor púrpura*.

superiores”? Quais são os perigos do conhecimento especializado, que coloca o diaconato acima dos outros ministérios da Igreja?

Nossas estudantes de diaconia já nos acusaram de querer moldar todas da mesma forma, como peças de cerâmica – talvez apenas variando cores e brilho. Espero que isso não esteja acontecendo, pois é totalmente inadequado.

Refletindo sobre isso, parece-me que a imagem apropriada é a da roda do oleiro, que, variando no tamanho e qualidade, inicia com a argila, mas pelo tocar e moldar apresenta como resultado recipientes de diferentes tamanhos e formas, que servem para usos bem distintos.

Quanto mais penso no assunto, tanto mais a imagem se modifica. Sei que a minha formação não estava concluída quando fui ordenada. Trata-se de um processo contínuo. O meu ministério está sendo formado e reformado à medida que vou aprendendo com as pessoas, com as quais

me encontro através do serviço que presto e pelo serviço que recebo. De certo modo, o ministério diaconal no tempo presente não deve apenas ser formulado para as atuais obreiras, mas precisa reverter igualmente em benefício da formação das estudantes e candidatas ao diaconato que ainda virão. Talvez a melhor imagem seja a que usamos para definir reciclagem. Peço a Deus que até o fim da minha vida eu possa crescer e ser formada para o serviço diaconal. Peço a Deus que aquilo que sou e faço possa ajudar pessoas que servirão depois de mim, assim que recebam uma boa fundamentação, sobre a qual possam edificar suas vidas.

Convido você a refletir alguns momentos sobre os instrumentos para a diaconia – o cuidado, a compaixão, a hospitalidade; o poder, o planejamento, o profissionalismo; a comunhão, o tempo, o descanso. Pense em sua própria formação. Dialogue com alguém sobre isso.

6 – Resistências à diaconia

A revista *Parade*, de 14/04/1991, publicou, no artigo de capa *When a Healer Needs Healing (Quando um médico necessita ser curado)*, o seguinte: “Dezenas de milhares de obreiros eclesiais de todos os cre-

dos encontram-se desgastados pela pressão que sofrem em sua vocação – e o número está aumentando.” Se você ler este artigo, provavelmente não se surpreenderá. A maioria de nós sabe que o artigo diz a verdade. Acredito

que algumas coisas tornam a vocação ao diaconato problemática. Existe resistência à diaconia – dentro de nós, dentro da Igreja e na cultura, dentro da qual estamos inseridas. Vejamos:

6.1 – Diaconia não é cultural

A diaconia não cabe em nosso mundo. Ela se movimenta para baixo, não está orientada para realizações, o seu custo não tem retorno. Ela enfoca os mais pequenos, está orientada para o cuidado e não para a cura, consome tempo. Não temos certeza se irão agradecer por ela. A diaconia autêntica não está amarrada e, por isso, é um poderoso sinal de esperança num mundo que vê as coisas diferentes. Jürgen Moltmann diz:

O poder do Reino de Deus está exatamente lá onde participamos como Igreja segundo o modelo da cruz de Cristo, onde Deus nos dá a honra e a glória de Cristo e vem no meio do nosso mundo sofrido para se identificar com os que estão sofrendo. O atendimento aos enfermos, especialmente aos portadores de doenças incuráveis, é como um paradigma da natureza radical da diaconia cristã. É aqui que vemos como é importante que

diariamente morramos, não esperando que o nosso esforço seja recompensado por sinais normais de sucesso e aplauso... Antes, através do amor e do poder do Espírito, estejamos dispostas a servir nas situações que diariamente o mundo sem esperança nos apresenta. Assim, a comunidade cristã com o seu ministério diaconal é o sinal de esperança num mundo sem esperança, o qual, temos a firme convicção, Deus usará para realizar a obra redentora de Cristo.¹⁰

Sabemos que é difícil ser uma espécie de sinal que mantém o senso da esperança.

6.2 – A ambivalência da Igreja

Parece-me que também a Igreja nem sempre tem certeza se deseja o ministério da diaconia. Isso é estranho; é como se não houvesse trabalho suficiente a ser feito ou obreiros em demasia. Hoje a maioria das igrejas está se aprofundando no estudo do ministério. Esses estudos revelaram o medo que as pessoas têm diante de mudanças. Observou-se que aquilo que antes parecia claramente definido, agora já não é assim. As

¹⁰ Jürgen MOLTMANN, *Hope for the Church*, p. 36.

peessoas começaram a se preocupar com o papel que desempenhavam, com o lugar de destaque que lhes poderia ser tirado ou diminuído no caso de emergir algo novo. O diaconato, muitas vezes, é visto como uma ameaça aos outros obreiros eclesiásticos ou aos voluntários – como se existisse apenas esse espaço para o ministério – o que é oferecido aqui deve ser tirado de outro lugar.

Algumas vezes, parece que a Igreja quer subordinação e não serviço. Prefere apenas co-dependentes, submissos no trabalho, ao invés de pessoas saudáveis que conhecem seus poderes e seus limites. Obreiros diaconais são mantidos fora de equilíbrio através de expectativas indefinidas, de recursos financeiros limitados e de mensagens duvidosas sobre o lugar de sua atuação. Membros de igrejas podem aceitar e receber de bom grado aqueles do diaconato que lavam pés e servem as mesas. No entanto, ficarão nervosos com aqueles que organizam celebrações ou trabalham por mudanças. O diaconato pode ser aceito como o ministério incumbido de praticar a diaconia da Igreja, mas não será bem aceito como lembrança do próprio chamado para a diaconia ou como força para capacitar e fortalecer o ministério, no qual todos – leigos, obreiros eclesiásticos e funcionários – são iguais.

Como é estranho que nós, respondendo ao chamado em defesa da justiça e da igualdade para todos, tantas vezes nos encontramos defendendo nossos próprios direitos e o ministério do qual fazemos parte.

6.3 – Resistências dentro de nós

Por mais que gostássemos de culpar a Igreja e o mundo pelo *stress* que sentimos dentro do nosso chamado, a maior resistência à diaconia, talvez, esteja em nós mesmas.

Muita gente não quer mais ser serva. Não queremos estar nesse lugar modesto e vulnerável. Gostaríamos de ser servidos. Procuramos por todos os meios sair dessa posição. Somos como aquela menina que tinha dois pedaços de doce. Querendo reparti-los com a amiguinha, deu a ela o pedaço menor. Sua mãe, vendo isso, interveio e ensinou que, quando repartimos algo com alguém, damos o pedaço maior aos outros. Por um momento, a menina pensou e depois, dando os dois pedaços à amiguinha, disse: “Muito bem, então agora você reparte comigo.”

Mas existe ainda um outro lado: na verdade, também não queremos ser servidas. Vulneráveis dessa maneira também não queremos ser. Pensamos em ser as grandes doadoras, não as recebedoras. Ficamos embara-

çadas quando nos lavam os pés, porque isto faz com que olhemos para o nosso próprio coração.

No entanto, ao sermos servidas, não nos confrontamos apenas com nossas próprias necessidades; não lutamos somente para chegar a um bom acordo com o nosso coração. Quando nos aproximamos do nosso próximo, a ponto de “sofrer com ele”, necessariamente teremos que nos confrontar com o nosso próprio pecado, a nossa própria morte iminente.

Recuamos diante da diaconia, porque não queremos ver como somos iguais ao nosso próximo. Em seu livro “A força dos fracos”, Dorothee Soelle reconta a história de um rabino idoso que perguntou aos seus alunos como se pode distinguir entre o fim da noite e o início de um novo dia. “É quando, à distância, posso distinguir um cão de uma ovelha?”, perguntou um aluno. “Não”, disse o rabino. “É quando, à distância, eu posso distinguir uma tamareira de uma figueira?”, perguntou outro aluno. “Também não”, disse o rabino, e con-

tinuou: “É quando você olha no rosto de alguém e encontra nele seu irmão, sua irmã. Até lá, continua noite!”

Às vezes, preferimos ficar no escuro, não querendo saber das coisas. E, se viermos a saber, não iremos tomar os cuidados necessários, porque estamos acostumados ao sofrimento das pessoas, que as torna apáticas, indiferentes. No entanto, ao nos separarmos das outras pessoas, estamos nos separando de nós mesmas, da nossa própria vida, da nossa própria paixão.

Ainda quero acrescentar mais uma última peça às figuras de nossa resistência à diaconia: o risco de tudo isso. Nunca podemos dizer para onde seremos levadas quando começamos a nos abrir ao sofrimento das pessoas. Quando alguém se envolve com a diaconia não se abrirá apenas ao sofrimento do próximo; irá submeter-se também à orientação do espírito de Cristo, que está junto do próximo. E todas nós sabemos com que liberdade o Espírito sopra onde ele quer.

7 – Que educação/apoio é necessário para esse ministério?

Com a pressão que a diaconia sofre, qual é o apoio necessário para manter vivo esse ministério? O que ajudará a nutrir e edificar o movimento do espírito nas vidas e nos cora-

ções dos membros do diaconato? Como manter-nos ligadas ao nosso centro espiritual para que o nosso ministério não seja apenas um trabalho pelas bordas, mas possa fluir das

profundezas do nosso ser? Como podemos estar enraizadas no mundo e na Igreja, que nem sempre compreende nosso chamado e nossa maneira de servir?

O que é necessário para edificar e nutrir um sentido de comunhão? Que tipo de apoio pode ajudar-nos a dar e receber no nosso servir? O que pode ser feito para clarear nossas expectativas sobre as funções e o serviço? O que nos ajuda a ir além de meros contratos, convênios, assim que sejamos valorizadas pelo que fazemos e pelo que somos?

O que as instituições e equipes de trabalho da Igreja podem fazer para esclarecer e ampliar a compreensão de ministério, para defender uma distribuição mais justa dos recursos destinados a todos os ministérios?

Certamente não podemos olhar apenas para as pessoas de fora a fim

de prover apoio e incentivo. Podemos reivindicar o que é nosso e o que temos a oferecer mutuamente, quando nos reunimos, quando nossas vidas e nossos ministérios se sobrepõem ou interagem, quando enfrentamos as resistências à diaconia, quando somos formadas e reformadas mutuamente, quando usamos os instrumentos da diaconia que possuímos, quando lavamos os pés mutuamente, servimos à mesa, quando juntos trabalhamos por mudanças.

Convido para refletir sobre as resistências à diaconia – no mundo, na Igreja, em você mesma. Em seguida, convido para refletir sobre lugares e meios nos quais você recebeu apoio e incentivo. Converse com alguém sobre tudo isso.

8 – Conclusão

Convido para olharmos novamente para os três quadros que descrevem a diaconia, porém de outro ponto de vista: talvez não distorça demais o quadro se olharmos a bacia de água para lavar os pés e refletirmos sobre a água do Batismo. Está aqui a fonte da minha vocação. É no Batismo que sou transformada de escrava em filha livre e herdeira de tudo que Deus me

oferece. Posso esvaziar-me – abdicar de meus direitos e dedicar-me aos outros. Posso ver quem eu sou – não apenas o que sou por mim mesma, mas revestida de Cristo. E, ao olhar para mim, vejo onde Cristo mora. Quando os outros olham para mim – milagre dos milagres – podem ver Cristo em mim no servir. No Batismo, vislumbro a direção para a qual

vivemos – a visão que mostra que a morte não é o nosso fim. A morte é a penúltima palavra. A última palavra é a vida que brota da Páscoa – vida que, às vezes, já experimentamos agora, como se não pudesse ser mais repleta; vida que almejamos “abundantemente” e sabemos que ainda virá.

Uma vez que minha vida provém dessa fonte, posso enfrentar a necessidade de transformação e me empenhar para que ela aconteça. Trabalhar por mudanças, a meu ver, está estreitamente ligado ao arrependimento. Começa assim que vejo meu pecado, minha falta, minhas limitações, minha necessidade de reconciliação. De alguma maneira, isso nos acontece sempre que encontramos Cristo em nosso próximo. Nós o sentimos de muitas maneiras em nós, na Igreja, na sociedade. Sabemos que ainda estamos a caminho, ainda não o alcançamos. Fazemos parte da criação que geme, como se estivesse em trabalho de parto para um novo nascimento. É a palavra transformadora do perdão que me capacita e modela para o ministério, que me permite assumir o risco, a responsabilidade, mesmo que seja serviço duro, atrapalhado. No processo de formação e reformatão, às vezes sou mãe que dá à luz; outras vezes, sou a mulher que dá assistência e, ainda outras vezes, sou a própria criança que está nascendo.

A nova vida precisa ser celebrada, alimentada. Isso nos leva novamente à figura do servir a mesa ou do providenciar para a festa – o que não está longe da comunhão e da Santa Ceia. Talvez não foi por acaso que nos primeiros séculos, o diaconato foi muito ativo na Igreja, quando o povo se reunia, celebrava e era alimentado. Juntavam-se os pedidos, as necessidades do povo, e depois eram colocados em oração. Eram recebidas as ofertas que o povo trazia, com elas preparava-se a mesa para a refeição. Serviam-se as mesas, e as sobras eram levadas para os que estavam enfermos ou presos e não podiam vir à reunião.

Na Comunhão e na Santa Ceia oferecemos o que somos e o que temos nas mãos do Deus de amor, cujo corpo foi partido por nós. Assim o Deus de amor pode partir o corpo de Cristo – que somos nós – para ser partilhado. Ouçam o que diz Dom Hélder Câmara:

Estou errado, Senhor?
Teólogos vão argumentar,
É tentação pensar que
milhares de propostas diferentes
serão trazidas....
Tu me compeles,
Mas aí daquele que te alimenta,
a ir em frente para proclamar
e depois tem os olhos fechados
para Ti,
a necessidade urgente

para distinguir o Senhor,
de passar
buscando alimento no meio
do lixo
do abençoado sacramento
sendo evitado a todo instante,
para tua outra presença,
vivendo em condições
subumanas
justa e real,
sob o sinal da
na eucaristia do pobre?
Insegurança.¹¹

Em ambas as celebrações da Santa Ceia – na que acontece no altar e na “eucaristia dos pobres” –, temos a visão das possibilidades que a nova vida oferece, bem como os sinais da imperfeição do nosso tempo. Vemos o que está por vir e o que devemos realizar. Vemos para onde somos conduzidas e até onde deveremos chegar. Vemos o Cristo que veio e o Cristo que ainda não tomou forma completa em nós. O que vemos começará a nos transformar e nos fazer receptivas não apenas para a Eucaristia, mas também para o corpo e o sangue do Cristo vivo, que vem a nós no pão, no vinho e no próximo, a fim de nos transformar, capacitar, libertar e encorajar para arriscar fazer o que somos compelidos a fazer.

Esse modo de viver encontrará resistência da parte das forças que nos cercam, pois representa um movimento subversivo, uma ameaça aos mitos e suposições, ao delicado equilíbrio de forças existente. Também representará uma ameaça da parte das pessoas que atendemos, pois elas pensam que somos como outros “cristãos” que as decepcionaram no passado; e resistência que vem de dentro de nós mesmas, porque esse modo de vida requer o sacrifício do nosso antigo jeito de ser, dos nossos velhos padrões de conduta, dos nossos pecados favoritos. Tudo isso vem sem surpresas. Morrer sempre faz parte da Eucaristia da vida – “sempre que comerdes deste pão e beberdes deste cálice, anunciareis a morte de Cristo”.

Morrer, no entanto, nunca é a última palavra; “anunciareis a morte de Cristo até que ele venha”. A última palavra é de esperança no Cristo que virá a nós e através de nós. Por isso, arriscamos vir e ver onde Jesus mora – no nosso próximo – e então servir a Jesus com alegria – trabalhando por mudanças, lavando pés, servindo as mesas com todo o nosso vigor.

¹¹ Dom Hélder CÂMARA, *A Thousand Reasons for Living*, p. 255.